

REVISITANDO A CINDERELA NEGRA: LITERATURA E HISTÓRIA EM QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

(REVISITING THE DARK CINDERELLA: LITERATURE AND HISTORY IN CHILD OF THE DARK, BY CAROLINA MARIA DE JESUS)

Mariângela Alonso 1; José Pedro Toniosso 2

1 Professora do Curso de Letras das Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro/SP, Mestre em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara.

maryalons@ig.com.br

2 Professor do Curso de História das Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro/SP, Mestrando em Educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda (CUMML)

jptoniosso@itelefonica.com.br

***Abstract:** The purpose of this paper is to discuss the intermediation between Literature and History into Child of the Dark, by Carolina Maria de Jesus. We look forwards to put in evidence the crossing of these two knowledges, pointing in caroliniana writing its borders and identities. We believe that the literary studies and historiographical approach by textuality, as the two writings are based in a perception process and experiments among the same areas which permite new itineraries can be traced by creativity and researcher's ability.*

***Keywords:** Literature; History; Child of the Dark; Carolina Maria de Jesus*

***Resumo:** O propósito desse artigo é discutir as intermediações entre Literatura e História na obra **Quarto de despejo**, de Carolina Maria de Jesus. Procuramos evidenciar o cruzamento desses dois saberes, pontuando na escrita caroliniana, suas fronteiras e identidades. Entendemos que os estudos literários e historiográficos se aproximam pela textualidade, uma vez que as duas escritas baseiam-se em processos de percepção e organização da realidade que cerca seus narradores. A troca de experiências entre áreas afins permite que novos itinerários sejam traçados por meio da criatividade e competência do pesquisador.*

***Palavras-chave:** Literatura; História; Quarto de despejo; Carolina Maria de Jesus.*

Diálogos possíveis: Ficção x História

Partindo do princípio de que o ato de ler não significa apenas decodificar as palavras num gesto mecânico de decifração de sinais, entendemos a obra literária como uma espécie de documento que conserva o conteúdo da consciência humana individual e social de modo cumulativo. Ao ler um texto, o leitor estabelece elos com as manifestações socioculturais que

lhes são distantes no espaço e no tempo: “a história designa ao mesmo tempo a dinâmica da literatura e o contexto da literatura” (COMPAGNON, 1999, p. 197).

Embora a realidade possa ser representada de maneira indireta pelo narrador de um romance, uma vez que este faz uso da imaginação, mediante a figuração da linguagem, e o historiador possa registrar aspectos correspondentes a situações extratextuais, Literatura e História dialogam, já que todo discurso escrito revela uma forma de conhecimento mimético, ou seja, tanto a escrita ficcional quanto a não ficcional representam apenas a realidade imaginada ou ocorrida.

Ficção e História utilizam a textualidade e podem ser compreendidas por meio de recursos específicos para a leitura de palavras escritas. A ampliação do conhecimento que decorre dessa leitura propicia a compreensão do tempo presente e o papel do leitor como sujeito histórico.

De acordo com o crítico Antonio Candido,

só podemos entender (uma obra) fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (1967, p. 04)

Não tentamos com o presente texto equivaler ficção e história. Mas sim procuramos o entendimento de suas fronteiras, pois ainda que ocupem planos epistemológicos diferentes, Literatura e História aproximam-se da realidade através da utilização de meios narrativos.

Portanto, tendo como foco a obra **Quarto de despejo**, de Carolina Maria de Jesus, buscamos com este trabalho estabelecer leituras críticas e possíveis da ficção e da história, concentrando-nos mais naquilo que estas duas formas de escrita têm em comum do que em suas diferenças.

Quarto de despejo: coágulos poéticos

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora que viveu em meados do século XX. Suas obras apresentam o tormento de fazer parte de um cenário afastado dos processos de modernização e dos interesses comuns do sistema capitalista, ou seja, a favela. Negra, semi-analfabeta, catadora de lixo, Carolina foi moradora da favela do Canindé em São Paulo. Seu diário, posteriormente intitulado **Quarto de despejo**, foi publicado em 1960, graças a intervenção do jornalista Audálio Dantas.

Quando publicada, a obra causou um impacto no cenário brasileiro da época, já que na linguagem dos despossuídos e dos desescolarizados, trazia um testemunho da vida nas ruas, o depoimento do cotidiano de uma favela.

A obra tornou-se um *best seller*, porém, a trajetória de Carolina, até sua morte, foi incomum e perturbadora. A “Cinderela Negra”, como foi denominada pelos estudos de Levine e Meihy, não se “enquadrou” como escritora famosa. Em pouco tempo, foi forçada a voltar à condição de vida precária, e na miséria viu terminarem seus dias, em 1977.

Problematizando os embates sociais vivenciados na favela do Canindé, o valor estético de **Quarto de despejo** apresenta uma linguagem singular, pontuada de lirismo poético. Para Audálio Dantas, o sucesso de **Quarto de despejo** deve-se a uma “[...] tosca, acabrunhante e até lírica narrativa do sofrimento do homem relegado à condição mais desesperada e humilhante de vida” (2000, p. 04).

No que tange à definição de lirismo, recorreremos ao poeta Mário de Andrade em carta datada de 2 de Janeiro de 1933 a Oneyda Alvarenga. Nas páginas dessa missiva o escritor nos deixa uma significativa reflexão sobre o conceito de lirismo:

Lirismo é um fenômeno psíquico que toda a gente mais ou menos tem [...]. Lirismo tanto pode dar poesia como pode dar prosa [...]. O operário que voltando do trabalho

vê num jardim ricaço uma rosa pegável e a arranca e a põe no paletó pra se enfeitar, sentiu e aceitou um fato de lirismo individualista. O operário que voltando do trabalho enxerga num jardim ricaço uma rosa, e, por estar imbuído de revolta comunista contra os burgueses, sente raiva, entra no jardim adentro, arranca a rosa e a destrói, também aceitou um fato de lirismo que já não é puramente individualista, mas coletivista, convertido em função social. Lirismo é um fenômeno psicológico. (ANDRADE, 1983, p. 38-40).

As observações de Mário de Andrade atendem aos propósitos percorridos neste artigo, uma vez que a realidade de **Quarto de despejo** é descrita, em muitos momentos, de maneira lírica, de acordo com as apreensões dos afetos da narradora. A voz de Carolina expande-se, atingindo essa espécie de lirismo “coletivista”, apontada por Mário de Andrade. As trivialidades do cotidiano da favela são apresentadas por meio de um vocabulário singular, em que a mescla de termos revelam uma inusitada combinação:

[...] Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O unico perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga. (JESUS, 2000, p. 42).

Na construção da narrativa tais termos se colidem, marcando uma espécie de tensão no decorrer do texto. Percebemos uma espécie de poética de contrastes presente nos enunciados: “flor”, “perfume”, “abelhas”, “colibri”, “frágil biquinho” X “lama podre”, “excrementos”, “pinga”.

De acordo com Raffaella Fernandez, a escrita caroliniana “[...] é formulada por um constante deslocamento de linguagens, de modo a gerar uma coexistência de diferenças que, nesse ponto, vem a transformar a prática literária, dando-lhe uma nova dimensão” (2008, p. 129). Nesta “nova dimensão” apontada pela estudiosa, destacamos, na tessitura narrativa, o modo lírico que preenche os intervalos do discurso social, tingindo-o de linguagem poética.

O processo poético ocorre, antes de tudo, na palavra. A escrita de **Quarto de despejo** conjuga-se numa intensidade discursiva marcada por apontamentos sinestésicos da narradora: “A favela hoje está **quente**. Durante o dia a Leila e o seu companheiro Arnaldo brigaram. O Arnaldo é **preto**. Quando veio para a favela era menino. Mas que menino! [...]”. (JESUS, 2000, p. 46, grifo nosso)

O relato é apresentado através de sons que ganham sentidos e valores metafóricos, os quais criam uma expressão lingüística com capacidade de evocar sensações, impressões e emoções de Carolina aos leitores.

O teórico Lefebve denomina **desestruturação** um dos tipos de desvio que podem ser observados na linguagem poética, ou seja, “quando certas regras do código ordinário são violadas” (1980, p.27). A linguagem poética, portanto, é a linguagem dos desvios. Neste sentido, o lirismo presente em **Quarto de despejo** transforma a palavra corrente em palavra poética quando liberta a língua de regras gramaticais, da seqüência lógica e rompe com conceitos e formas fixas do discurso. Esta linguagem possui suas próprias verdades e seus próprios modos de estruturação.

Conforme afirma Germana de Sousa, o valor estético do texto de Carolina “[...] está configurado na obra por meio da linguagem rasurada, que sintetiza dialeticamente anacronismo e oralidade”.(2004, p. 08). Neste sentido, percebemos que a escrita caroliniana, embora muitas vezes não faça uso das normas lingüísticas, é capaz de recriar o mundo da favela em uma originalidade de movimento e cor:

O céu está maravilhoso. Azul claro e com nuvens brancas esparsas. Os balões com suas cores variadas percorrem o espaço. As crianças ficam agitadas quando um balão vem desprendendo-se. Como é lindo o dia de São Pedro. Por que será que os santos juninos são homenageados com fogos? (JESUS, 2000, p. 154)

Ao lidarmos com a escrita de **Quarto de despejo** notamos os elementos que constituem uma espécie de harmonização poética. Ao lado das estruturas sociais, a narrativa capta a integração de elementos diversos, resultando uma estrutura narrativa orgânica e auto-suficiente.

A leitura de **Quarto de despejo** incita uma discussão em torno do cânone. Esta “literatura menor”, como muitas vezes foi denominada, mostra-se capaz de criar envolvimento e beleza, na medida em que recria poeticamente o rebotalho universo de uma favela.

Quarto de Despejo: o inventário da pobreza nos ‘anos dourados’

O intervalo de tempo em que viveu Carolina Maria de Jesus, entre 1915 e 1977, corresponde a um período de profundas transformações no Brasil.

O ano de 1915 correspondia a uma época em que a sociedade era predominantemente agrícola. Havia uma exaltação à vocação agrícola do país, e a industrialização ainda principiante se voltava apenas para a produção de gêneros de primeira necessidade, sem a exigência de grande tecnologia ou de mão-de-obra especializada.

A partir de 1945 inicia-se a fase de produção de bens de capital. De acordo com Júlia Falivene Alves, nessa época, o Estado assumiu a liderança do processo de industrialização, se associando à iniciativa privada em algumas áreas e, ainda, procurando atrair o capital estrangeiro. (1992, p. 31)

É nesse contexto que Carolina Maria de Jesus inicia sua condição de migrante. Após viver em Sacramento, no Triângulo Mineiro, a autora desloca-se para outras cidades interioranas, e em 1947 chega à favela do Canindé, local em que viveria até o início da década de 1960. Portanto, o período em que Carolina vive na condição de favelada corresponde àquele que costuma ser chamado de democrático, o qual se inicia com o final da ditadura do Estado Novo (1937 a 1945) e estende-se até as vésperas da instalação da ditadura militar (1964).

Em 1955, ano em que Carolina inicia a escrita do seu diário, Juscelino Kubitschek é eleito presidente da república. Segundo Thomas Skidmore, em seu discurso Juscelino evocava que era o ‘destino’ do Brasil tomar ‘o caminho do desenvolvimento’ e que a solução para o desenvolvimento nacional, com todas as suas injustiças sociais e tensões políticas, devia ser a industrialização urgente. (1979, p. 207)

Juscelino esforçou-se por gerar um senso de confiança própria entre os brasileiros. A construção de Brasília como a nova capital do país foi o símbolo escolhido como o sinal dos novos tempos, além de ter servido para desviar a atenção de muitos problemas difíceis no setor social e econômico. (SKIDMORE, 1979, p. 208).

Para Carolina os esforços de Juscelino em angariar a simpatia popular não surtiram efeito, mas serviram para ampliar sua antipatia pelo então presidente:

[...] o que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável os ouvidos. E agora, o sabiá está residindo em uma gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves na gaiola. E os favelados são os gatos. Tem fome. (JESUS, 2000, p. 30)

Efetivamente não demorou a aparecer os sintomas de desequilíbrio do ambicioso programa econômico de Kubitschek. O anunciado Programa de Metas sob o lema “50 anos de desenvolvimento em 5 anos de governo” resultaria, em meados de 1958, em um aumento de 10% no custo de vida (SKIDMORE, 1979, p. 216). Dessa forma, no decorrer do ano, Carolina, por repetidas vezes manifestou sua desconfiança em relação a Juscelino: “[...] Eu

não gosto do Kubstchek. O homem que tem um nome esquisito que o povo sabe falar, mas não sabe escrever”. (JESUS, 2000, p. 70).

Carolina critica a atenção dispensada aos pobres pelo governo de Juscelino estabelecendo relação com uma passagem bíblica:

Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalém: - “Não chores por mim. Chora por vós” – suas palavras profetizava o governo do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome. Você viu um cão quando quer segurar a cauda com a boca e fica rodando sem pegá-la? É igual o governo do Juscelino. (JESUS, 2000, p. 117/118)

Na década de 1950, a cidade de São Paulo passou por um “inchamento”, mudando suas feições. Segundo Marly Rodrigues, as favelas e bairros de periferia brotaram na mesma intensidade que novos bairros de classe média e de “grã-finos”, o que se refletia na distinção entre os grupos sociais no espaço físico. (1992, p. 32)

Essa realidade não passou despercebida para Carolina, que tinha uma forma muito própria de destacar essas diferenças: “[...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 2000, p. 28)

As condições de vida geradas pelo crescimento desordenado das cidades contrastavam com a euforia do desenvolvimentismo dos “anos dourados”. As favelas já se destacavam pela pobreza explícita e pelo descaso governamental. Em seus estudos sobre a obra caroliniana, o historiador Meihy, afirma que **Quarto de Despejo** é uma das poucas obras que refletiam a realidade urbana brasileira, sendo narrado por alguém que padeceu na carne o problema da miséria (1994, p. 231). O estudioso constata que a história de Carolina causou diferentes sentimentos dentro e fora do Brasil, mas para os países ricos, mostrava-se como um retrato de um mundo injusto armado em cima de estruturas solidificadas por séculos de dominação colonialista:

... Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. (JESUS, 2000, p. 48)

Carolina não era unanimidade. Classificada então, das mais variadas formas – “favelada preta”, “mulher pobre e de cor”, “vítima da miséria” - mostrava através da sua escrita a indignação com a realidade em que vivia. Muitos viam como surpreendente o fato da realidade ser apresentada por uma mulher negra e semi-analfabeta, mas que, de modo independente, soube expressar o sentimento de pobreza e de sofrimento dos marginalizados:

[...] As oito e meia eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2000, p. 33)

Considerações finais

A análise aqui realizada permitiu compreender a grande aceitação de **Quarto de despejo**, bem como o paradoxal abandono de sua autora no cânone brasileiro.

As reflexões em torno da narrativa caroliniana confirmam os diálogos possíveis entre a ficção e a história, na medida em que revisita um imaginário social que não se esgotou.

A linguagem é um denominador comum entre a Literatura e a História, uma vez que revelam-se como discursos, ou seja, sistemas de significação e portanto, construções humanas:

A criação literária traz como condição necessária uma carga de liberdade que a torna independente sob muitos aspectos, de tal maneira que a explicação dos seus produtos é encontrada sobretudo neles mesmos. Como conjunto de obras de arte a literatura se caracteriza por essa liberdade extraordinária que transcende as nossas servidões. Mas na medida em que é um sistema de produtos que são também instrumentos de comunicação entre os homens, possui tantas ligações com a vida social, que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas. (CANDIDO, 1989, p. 163)

As observações do crítico Antonio Candido são propícias aos objetivos percorridos por este texto na leitura de **Quarto de despejo**. Como leitura possível da recriação da favela do Canindé, a escrita caroliniana não apenas representa, mas também institui a realidade, instaurando novos imaginários e práticas sociais. Nesta perspectiva, a ficção é portadora de uma reflexão, constituindo-se em uma mediação social, tal como o discurso histórico. Daí ser possível através das técnicas de expressão literária, revelar a História, tais como os modos de narrar e construir pontos de vista.

Referências:

- ALVES, Júlia Falivene. **Metrópoles: cidadania e qualidade de vida**. São Paulo: Moderna, 1992. Coleção Polêmica.
- ANDRADE, Mário de; ALVARENGA, Oneyda. **Cartas**. Organização e notas Oneyda Alvarenga. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e historia literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- _____. Literatura de dois gumes. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 163-180.
- COMPAGNON, Antoine. A História. In: **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 195-223).
- DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. In: **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 03-05.
- FERNANDEZ, Andréa Raffaella. Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus. Araraquara: **Itinerários**, n. 27, p. 125-146, jul/dez. 2008.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LEFEBVE, Maurice-Jean. **Estrutura do discurso da poesia e da narrativa**. Tradução José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- LEVINE, Robert M ; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- RODRIGUES, Marly. **A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil**. São Paulo: Ática, 1992. Série Princípios.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata**. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade de Brasília – UnB, 2004.